

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 67
24 de julho de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria lembrar a vocês a frase, que eu já citei várias vezes, do poeta austríaco Hugo von Hofmannsthal, que diz: “nada está na política de um país que primeiro não esteja na sua literatura”. É evidente que literatura aqui tem que ser entendida em sentido amplo, abarcando todas as produções escritas da alta cultura. É ali que você vai ver a raiz de todos os movimentos, de todas as correntes históricas que acabam se materializando e ocupando um espaço público, e determinando o curso dos acontecimentos. Como em geral os analistas políticos — e, sobretudo os políticos profissionais, líderes empresariais etc. —, não têm cultura suficiente para acompanhar isto, eles não conseguem perceber qual é a linha causal por aonde as coisas vêm.

Através da investigação da alta cultura você pode antecipar — com 70, 80 anos de antecedência — o que vai acontecer na política e na sociedade em geral. A força decisória dos debates entre filósofos é — para o cidadão comum, para o homem sem cultura — uma coisa inimaginável, mas, na verdade, é uma coisa muito simples: ninguém pode fazer aquilo que não consegue pensar, e ninguém consegue pensar aquilo que não tem instrumentos linguísticos, lógicos e técnicos para pensar.

Quem forja estes instrumentos são exatamente os filósofos e os escritores, que criam os instrumentos linguísticos e instrumentos cognitivos que abrem possibilidades. Estas possibilidades podem ser, às vezes, muito promissoras, mas também podem ser possibilidades abissais. Várias dessas possibilidades abissais foram abertas por esses filósofos que nós viemos estudando nos últimos dias com base no texto do Dardo Scavino, que é — eu acho — um primor de apresentação disto. Embora ele goste de tudo isto, e não perceba o caráter catastrófico da coisa, ele apresenta a sequência do desenvolvimento de certas correntes filosóficas de maneira muito bem organizada.

Por exemplo: esses dias andei discutindo com alguns amigos meus essa questão da educação no Brasil e no mundo — onde se tornou praticamente impossível ensinar crianças a ler. Nós podemos rastrear a origem deste fenômeno não só nas teorias e métodos educacionais que foram postos em circulação desde uns cinquenta anos mais ou menos, mas também nas suas raízes mais remotas no pensamento filosófico, sem o qual esses métodos jamais teriam podido emergir.

Métodos e práticas educacionais não surgem do nada: você tem que ter um anteparo cultural; um terreno culturalmente preparado para isso. Então você rastreia as discussões entre os filósofos e você verá qual será a desgraça daqui a cinquenta, cem anos. Por exemplo: se você medir as consequências político-sociais, jurídicas, educacionais do kantismo, é um negócio que não acaba mais. Kant lançou uma semente, aquilo foi criando porcaria, porcaria, porcaria, e não acaba mais. Por quê? Porque Kant cria uma moldura cognitiva da qual as pessoas não conseguem sair.

Ortega y Gasset falava da jaula kantiana: ele disse que foi prisioneiro da jaula kantiana durante muitas décadas. Esta jaula é como se fosse uma “pegadinha mental”.

Sempre que eu leio Kant eu me lembro da parte da Divina Comédia em que Dante ouve o Diabo fazer umas explicações, e o Diabo diz para ele: “*Forse tu non pensavi ch’io löico fossi!*”, quer dizer: “*Você não sabia que eu também era um lógico!*” (praticante; conhecedor da ciência da lógica).

O Diabo é um conhecedor da ciência da Lógica muito melhor do que nós. Então ele é capaz de fazer certas “pegadinhas” das quais você não consegue sair verbalmente. Ainda que existencialmente — até intuitivamente — você sabe que aquilo está errado, que aquilo é falso, você não sabe como sair.

E, evidentemente, todos os obstáculos criados pelo kantismo ao conhecimento da realidade objetiva se impuseram de tal modo que ainda não pararam de desencadear consequências filosóficas. Algumas dessas foram as que nós viemos estudando com Derrida, Wittgenstein, Richard Rorty e outros.

Do ponto de vista das consequências que isso teve para a educação nós podemos destacar, sobretudo, a ideia do Wittgenstein — que se impregnou pelo mundo inteiro — daquilo que ele chama “Jogos de Linguagem”. Ele diz o seguinte: em geral, as filosofias da linguagem e a Lógica, sobretudo a Lógica de Frege, está baseada numa concepção na qual o referente da linguagem é algo do mundo exterior — um objeto do mundo exterior — e que isso só acontece se nós tomarmos como modelo da linguagem o que seria aquilo que Karl Bühler (que ele não cita) chama *função denominativa*, quer dizer: dar nome às coisas.

Só para isso ficar claro, eu preciso lembrar um pouco Karl Bühler:

Karl Bühler dizia que a linguagem tem três funções: a) a primeira função *denominativa*, que é dar nome às coisas; b) a segunda é a função *expressiva*, que é manifestar nossos estados interiores; c) e a terceira função é *apelativa*, que é agir sobre a pessoa do interlocutor ou sobre o público. Só que na perspectiva de Karl Bühler essas três funções eram dependentes umas das outras e, sobretudo, *a função denominativa tinha uma prioridade*.

É fácil você perceber que a função denominativa pode funcionar sozinha. Por exemplo, se você diz: um quadrado tem quatro lados, isto não depende absolutamente da função expressiva e nem da ação que você deseja desencadear sobre o seu interlocutor. Isto quer dizer que as funções expressiva e apelativa são aqui neutralizadas, e a função denominativa funciona por si.

Já as outras duas funções não podem operar jamais sem a função denominativa, [0:10] porque senão as palavras não significariam absolutamente nada. Por exemplo: se eu digo um palavrão para um sujeito: “vai tomar naquele lugar”, se ele não sabe a que eu estou me referindo na esfera denominativa, ele não pode sequer se sentir ofendido.

Do mesmo modo, se eu tento expressar os meus sentimentos, o sentido das palavras que eu estou empregando na função expressiva é o mesmo que tem na função denominativa, e depende dela.

Agora, quando Wittgenstein inventa a teoria dos Jogos de Linguagem, essa teoria repete Karl Bühler (é igualzinha à do Karl Bühler; não tem diferença nenhuma), só que ele aponta várias funções — e não somente três — e ele as trata como se fossem totalmente independentes umas das outras. Então, ele diz que quando você sai da chave que o Karl Bühler chamaria denominativa, você já não pode mais dizer que as palavras têm referentes em objetos do mundo exterior. Portanto, você não pode dizer que as afirmações são verdadeiras ou falsas. E ele dá um exemplo: ele diz: quando

um juiz de paz ou sacerdote diz: “eu vos declaro marido e mulher”, ele pergunta: “isso é verdadeiro ou falso?” Isso saiu — diz ele — completamente da esfera do verdadeiro e falso, portanto não estamos na função denominativa. A função denominativa para ele está neutralizada.

Karl Bühler diria: sim, você está usando a função apelativa. Porque se você está dando uma ordem, se você está declarando algo que deve ser feito a partir daquele momento — o que deve ser reconhecido pelo casal e pelos ouvintes a partir daquele momento — você está nitidamente na função apelativa, isto é, você está exercendo uma ação sobre o interlocutor, sobre o distinto público. E esta função apelativa não poderia funcionar se *marido* não significasse alguma coisa, se *mulher* não significasse alguma coisa, se *declarar* não significasse alguma coisa. Portanto você está na clave apelativa, mas você continua dependendo da denominativa, sempre.

O Wittgenstein, eu o considero um homem que não tinha sequer inteligência elementar. O cara não tinha intuição da realidade mais elementar. Notem bem que as faculdades lógicas mais complexas podem se desenvolver num imbecil, numa pessoa que não tem senso de realidade. E Wittgenstein era exatamente isto! Então, [Wittgenstein] não é uma pessoa que mereça respeito como filósofo. É um autor de pegadinhas. E esta é uma das suas pegadinhas.

Pegadinhas, você diz: *Ah, existem vários jogos de linguagem e em vários deles você não tem referencia ao mundo objetivo; então você está fora da clave denominativa.*

Você jamais pode sair da clave denominativa porque se não há um referente externo, também não pode haver nem expressão de estados interiores e nem ação sobre o interlocutor.

Um exemplo — que, aliás, o próprio Dardo Scavino dá aqui no livro — diz o seguinte: “se um jornalista escreve: *o Ministro tal é psicótico*, o Ministro não acusará o jornalista de ter mentido, mas de tê-lo insultado”.

Ora, pelo critério antigo — pelo critério tradicional — dizer para um psicótico que ele é psicótico, não é ofensa; você está apenas dizendo a verdade, tanto que em todas as legislações do mundo existe um negócio que se chama “exceção da verdade”. Por exemplo: o Índio da Costa diz que o PT tem ligações com as FARC. O PT o processa. Ele chega lá, mostra as ligações, e pronto, acabou! Isso se chama exceção da verdade.

Acontece que graças à influência cultural e acadêmica da teoria dos Jogos de Linguagem, a ideia de um insulto passou a ser considerada independentemente da realidade factual.

Por exemplo: no Canadá já tem uma lei segundo a qual se você disser alguma coisa contra a pessoa, e se ela se sentir ofendida, você será punido mesmo que a acusação seja verdadeira. Quer dizer: se você chama um ladrão de ladrão e ele diz: “Ah, magoou”, você vai para a cana porque “magoou”. O sujeito, por exemplo, diz: “Ah, o Olavo fala muito palavrão”, e daí eu o processo; ele chega lá e mostra quinhentas gravações do True Outspcak, eu mandando os caras para aquele lugar, e eu digo: “Não interessa. Magoou”.

Então, é assim. Isto aí sai de onde? Sai da teoria dos Jogos de Linguagem.

Uma teoria dessas leva várias décadas para se converter numa lei, ou num programa político, ou num meio de ação social. Mas é fatal que isto aconteça, porque a autoridade intelectual do filósofo acaba determinando qual é a moldura, o quadro mental no qual as pessoas podem pensar e,

portanto, podem agir. E, então, o repertório de possibilidades cognitivas abertos na alta cultura é o que vai determinar o campo total de ação. É claro que nem todas essas possibilidades serão realizadas, mas se elas não forem abertas, ninguém vai perceber.

A função da alta cultura é exatamente a de abrir estas possibilidades. Algumas delas podem ser benéficas, podem ser promissoras, e outras podem ser infernais e abissais.

Esta, evidentemente, é abissal, porque a coisa passa a ser crime, não pela materialidade do ato, não pela intenção, e não pela veracidade ou falsidade do que você disse, mas pela reação da suposta vítima.

Por exemplo: aqui nos Estados Unidos isto já funciona para crimes de estupro — que aqui eles chamam *rape*. *Rape* aqui tem um conceito elástico que abrange tudo, desde sedução — você prometeu que ia casar com a mulher, transou com ela e depois não casou, isto é *rape*. Você encosta um revólver na cabeça dela e diz: “Dá para mim, senão eu te mato”, também é *rape*.

Eu acho isso uma coisa muito engraçada: não tem a fineza de outras legislações que são um pouco mais sutis. Você vai ver que o conceito de *rape*, se aplica simplesmente ao caso em que a mulher não gostou de transar com você. Quer dizer: não depende mais do ato, depende de como ela se sentiu. Ela se sentiu constrangida. Até os primeiros cinco minutos estava bom e depois ficou ruim. “Ah, foi *rape*”. Então, vira um estupro retroativo.

Qual é a origem disso? Jogos de Linguagem. Porque você não tem mais o referente objetivo. Tudo passa a depender então da reação subjetiva dos interessados. É claro que tudo isto aí é uma institucionalização da injustiça. Vocês devem lembrar o caso do Mike Tyson, da moça que foi no quarto de hotel do sujeito, para ver o que? Para ver a coleção de selos? Então, daí transou e depois processou o cara e ele foi para a cana. Então, nestes casos, você não pode sequer alegar a exceção da verdade.

Então, percebam: o que passa a funcionar como lei é a vontade do grupo de pressão mais forte. O grupo de pressão que faça mais barulho, automaticamente aquilo é considerado como verdade. Notem bem: isso não é apenas um efeito prático. Isso está totalmente codificado no Wittgenstein e no Richard Rorty.

Richard Rorty, então, dirá que não há nenhum critério de julgamento de verdade objetiva, em nenhum caso. Somente o que existe é a persuasão. Então, aquele que conseguir persuadir mais pessoas, ganhou. A definição dele de verdade é a seguinte: verdade é a afirmação que for persuasiva para o maior número e, portanto, adquira mais poder na sociedade. Em que sentido nós poderíamos chamar isso de justiça?! E notem bem que isto tem uma influência, hoje, na área do direito, na educação, na psicologia, na política.

Mas começou discretamente. Começa muito discretamente no momento em que os filósofos começam a raciocinar a partir dos pressupostos do Ferdinand Saussure: da arbitrariedade do signo, e de considerar sempre a linguagem como um sistema. Se a linguagem é um sistema, então ela é uma coisa em si, e ela pode ser estudada em si mesma e não tem nenhuma referência ao mundo exterior. Então a linguagem passa a ser uma coleção de palavras, uma coleção de signos que estão no dicionário, e um conjunto de regras.

É claro que uma linguagem assim concebida não poderia funcionar nem por um segundo. Mas nós temos que lembrar aquilo que dizia o [0:20] maior dos neoescolásticos: André Marc. André Marc dizia que os conceitos científicos não são conceitos primários, não são conceitos extraídos diretamente da experiência, são elaborações altamente complexas que correspondem, na maior parte dos casos, a objetos meramente potenciais, a objetos virtuais.

Mas se estes objetos virtuais passam a ser tomados como a única realidade admissível, então a conclusão é essa: a linguagem já não é aquela que nós falamos, mas aquela que Ferdinand Saussure definiu como um sistema.

E eu digo: seria impossível você entrar em um armazém e comprar um salame baseado na língua do Saussure, porque na língua do Saussure as palavras não designam coisas, designam apenas diferenças. Então, você pede um salame, o sujeito não lhe entrega um salame, ele apenas lhe entrega a diferença entre o salame e tudo o mais que tem no armazém. Então você leva uma lata de sardinhas negativa, um quilo de feijão negativo, um saco de arroz negativo, uma batata negativa, e isto passa a ser o seu salame, e você vai ter que comer isso. Quer dizer: é uma coisa obviamente risível.

A respeito do Saussure até recomendo o livro do Malcolm Bradbury que se chama “Mensonge”, que é a vida e obra do filósofo francês Henri Mensonge, que jamais publicou uma só linha, jamais foi visto em parte alguma, mas nós o conhecemos pela diferença entre ele e os outros filósofos. É uma paródia do Ferdinand Saussure. Você lê o Mensonge e você nunca mais consegue levar uma linha do Ferdinand Saussure a sério. E, no entanto, nós estamos sofrendo hoje consequências que começaram com esse curso do Ferdinand Saussure, que, aliás, é também um livro, que também não existe. O livro nunca foi escrito. O livro foi recomposto a partir de várias notas tomadas por vários alunos, que são inclusive incoerentes entre si. Então, é o que diz o Bradbury: o livro é, de certo modo, um exemplo da teoria do Saussure, porque ele também não existe, ele só existe como diferença entre ele e outros livros. Então, baseado nisso, ele escreve a vida e obra de Henri Mensonge. E aparece até uma fotografia de Henri Mensonge, que é um careca visto de costas. Isto é tudo o que se sabe dele. Esse livro do Bradbury eu acho uma verdadeira obra prima, É uma pena que não esteja traduzido para o português. É um livrinho pequeno: tem umas noventa páginas. Vale a pena!

Essa era a atmosfera filosófica na Europa entre os anos 10, 20, 30. Era isso o que estava acontecendo dentro desse ambiente. Claro que existem outros ambientes filosóficos onde outras coisas completamente diferentes estavam sendo discutidas. Porém o *establishment* universitário francês tem esta capacidade de selecionar o que ele quer, e o resto, para ele, não conta.

Vejam: foi no ano (creio que) 1987, eu entrei na livraria filosófica mais famosa da França que é a Vrin, e perguntei se tinha a obra de Louis Lavelle. O lojista não conhecia, o gerente não conhecia, e ninguém conhecia, ninguém mais sabia. Então, um dos maiores filósofos franceses dessa época, 30, 40, desapareceu completamente! Não desapareceu por ter sido discutido e contestado — não! Não se contestou nada. Simplesmente não se falou nada, fez de conta que não aconteceu e, em vez disso, nós ficamos prestando atenção em Jacques Derrida, Jacques Lacan e outros patifes.

É claro que isso aí é um exercício de poder. Mas este exercício de poder está baseado na própria teoria que fundamenta tudo isso. Eles estavam agindo exatamente como Richard Rorty: o que é a filosofia que importa? Não é aquela que amplia nosso horizonte cognitivo. Não é aquela que nos revela algo da realidade. É aquela que atingiu mais pessoas. Como é que se atingem mais pessoas?

Publicando um livro de filosofia? Não, sendo entrevistado na mídia e na televisão. E quem decide o que vai ser entrevistado na mídia ou televisão? São os jornalistas. Quer dizer: a seleção das filosofias que importam ou não importam passou a ser decidida por pessoas completamente despreparadas, que julgam por critérios totalmente subjetivos.

Então, neste sentido, um Sartre, que é um sujeito que nunca escreveu uma linha de interesse sobre o que quer que fosse, passa a ocupar um espaço um bilhão de vezes maior do que Louis Lavelle, que é um homem que em cada página está lhe abrindo continentes inteiros.

É dentro desta onda que se explica, por exemplo, o sucesso do Jean Piaget. Se você vê a obra inteira do Jean Piaget — todo o universo epistemológico do Jean Piaget — e, portanto, as teorias e técnicas educacionais que depois vieram a se chamar construtivismo, ou neoconstrutivismo, ou sócio-construtivismo, como queiram, tudo parte de uma analogia muitíssimo vagabunda entre o desenvolvimento do conhecimento e o crescimento do organismo humano. É apenas uma analogia: uma coisa que é parecida com outra.

Ora, analogia é uma síntese de semelhanças e diferenças. Quando você tem uma analogia, você tem uma coisa que parece, mas que não é. Parece sob certos aspectos. E se você não for capaz de apontar os aspectos em que a síntese de semelhanças não vale, a sua analogia automaticamente não vale nada.

Todo esse processo que ele chama de assimilação e acomodação — não digo que assimilação e acomodação não aconteçam —, mas quem disse que isso é o processo de aprendizado? E além disso, assimilação e acomodação a que?

Tudo que Jean Piaget escreve sobre educação, ou sobre o processo de aprendizado, é baseado na hipótese de que aqui existe um sujeito, que seria a criança, e do outro lado existe um objeto. E o sujeito — como um animalzinho que se alimenta — vai assimilando algumas informações, e vai acomodando à sua conduta. À medida que ele assimila a informação a ele mesmo, essa informação se torna ele, e na medida em que ele se acomoda ao ambiente externo, então ele se torna parte do ambiente externo. E isso é tudo.

Ora, mas o que exatamente nós aprendemos?

Antes de uma criança poder ter qualquer relação ativa com o mundo exterior, ela absorve informações que vêm da sua mãe e do seu pai. A mãe e o pai começam a falar com ela. A mãe começa a falar com o “*bichinho*” enquanto ele ainda está na barriga. Então, a fonte da informação não é o mundo: é outra pessoa humana. É através dessa pessoa humana que a criança vai aos poucos aprender a se relacionar diretamente com o mundo exterior — que no começo nem mesmo existe para ela. Esta é a função do mediador — que é aquele ressaltado pelo Rubeven Feuerstein — e que num mundo piagetiano simplesmente não existe. Não existe o mediador, não existe professor: tem só aqui um cérebro e um par de olhos assimilando o mundo e se acomodando a ele! É claro que é um modelo inventado. E tudo que ele estuda é a respeito desse modelo inventado. E qual é o interesse que o sujeito tem pela criança real, no processo de aprendizagem real? Nenhum! Ele inventa um modelo de criança e estuda isso, e isto deve funcionar!

Isso quer dizer que o construtivismo, ele também, nasce por maneira construtiva. Não é por observação da realidade. É por uma construção de um modelo hipotético. E daí tudo é decidido a partir desse modelo hipotético. E quando a coisa se constitui num sistema altamente complexo

ocupa todo o espaço, e já não há mais como você voltar à experiência simples e direta: onde havia um sujeito real, num processo de aprendizagem real. Então aí acabou!

Naturalmente, o construtivismo se autoconstrói. E com base no construtivismo se constrói o que? Uma rede de reprodução daquilo em escala mundial, financiada bilionariamente por entidades que estão interessadas nisso, por discípulos, ou imitadores de Jean Piaget.

E na hora que a coisa está montada, fica muito difícil você destruir, porque a discussão científica já não interessa mais. No começo talvez desse para contestar isso cientificamente. Mas depois que a coisa virou um sistema de poder organizado, você provar, cientificamente, que está errado, é a mesma coisa que você provar para um ladrão que o roubo está em desacordo com o Código Penal. Isso não vai fazê-lo parar de roubar! [0:30] Um sujeito está batendo em você e você dizendo: “Não, isto aí é crime de agressão, está proibido pelo Código Penal”. Ele vai parar de bater em você por causa disso? Então, a discussão científica se torna uma coisa extemporânea e absolutamente impotente para atingir o coração da coisa.

Esta é uma das linhas cujo desenvolvimento vai desde as discussões entre filósofos até às suas consequências de dimensão oceânica na esfera política, social, cultural etc. Esta é uma das muitas.

Então, quando nós começamos a rastrear várias delas, nós descobrimos uma coisa aterrorizante: há duzentos anos, a única força ativa no mundo — a única força causal histórica que está em ação no mundo — é o movimento revolucionário. Não há mais nada fora disso.

A desproporção entre a intensidade e continuidade de ação dos movimentos revolucionários e as das eventuais ações que tenham aparecido é uma coisa tão grande que é como aquela piada do elefante e da formiguinha. É mais ou menos assim. Então, você vê reações locais, pessoas que não gostam disso e daquilo, que protestam contra certas ações do movimento revolucionário, às vezes sem ter em conta as demais ações concomitantes, ou até se apegando tanto em combater uma determinada coisa que, em troca de ganhar uma pequena vantagem na briga contra aquela coisa, aquele ponto em particular, cede em tudo o mais.

Em geral, as pessoas que estão fora do movimento revolucionário — e que não gostam dele — não chegam a ter esta visão integral dele, porque na medida em que a vai adquirindo, ela se torna aterradora. Os agentes do movimento revolucionário têm a capacidade, não só de impor a sua maneira de ver, mas também de torná-la inacessível às outras pessoas. O controle que esse pessoal tem sobre o fluxo de informação no mundo é uma coisa de ficar-se de cabelo em pé!

Eu recomendo para vocês o livro que acaba de sair do Viktor Suvorov — que na verdade é um pseudônimo. Ele é um sujeito que foi agente do serviço secreto militar soviético — o famoso GRU — durante muito tempo, e depois desertou e foi para a Inglaterra, onde escreveu vários livros importantíssimos sobre a história soviética. Neste último livro, que se chama *The Chief Culprit* — *O Grande Culpado* —, ele mostra como a Segunda Guerra Mundial começou a ser preparada pela União Soviética (URSS) no tempo de Lênin.

Quando se lê os livros de história, veem-se pessoas investigando milhões de causas — causas históricas, sociais, culturais etc. e até, profundamente, a psicologia do povo alemão — para ver porque aquilo aconteceu. E, em todos esses estudos, se esquece duma coisa: a ação organizada e deliberada de um grupo disposto a criar aquela situação. Então, a história se torna um movimento de

correntes impessoais que aparecem do nada — sem agentes — e se impregnam sobre a cabeça das multidões e produzem efeitos. Então, ninguém fez nada. As coisas se fizeram!

Max Weber dizia que: “A história é o conjunto dos efeitos impremeditados das nossas ações”. Mas, note bem que nesta frase existe a palavra “ações”, então, alguém fez alguma coisa. E quando ele diz “impremeditado”, eu digo: “Somente em parte”. Houve várias ações que foram premeditadas e deram certo. Por exemplo: nós sabemos que os aliados invadiram a França no dia D, para fazer isto e fazer aquilo, e fizeram. O objetivo deles era chegar ao território alemão e eles chegaram. Então, como é que você pode dizer que isso foi um resultado impremeditado? Foi exatamente o resultado premeditado que deu certo.

É claro que Max Weber exagerava quando disse isso — ele gostava muito das hipérboles — e como ele inventou aquele negócio dos tipos ideais, ele sempre tinha que exagerar os traços que ele queria destacar e fazer como se os outros não existissem. Mas ele sabia que isto era apenas um método de criar hipóteses. Weber dizia: “Vocês reclamam que eu exagero, mas exagerar é a minha profissão”; quer dizer: ele estava construindo tipos ideais, então, ele estava exagerando. Só que nós não podemos pegar estes exageros weberianos e ouvi-los como se fossem traduções de estados objetivos. Se ele mesmo está dizendo que são tipos ideais, então é porque não aconteceram. Eles são como que régua pelas quais você pode medir o que aconteceu. Então, quando ele diz: “A história é o conjunto dos resultados impremeditados das nossas ações”, existe uma gradação do impremeditado, que vai desde a ação premeditada que desencadeou exatamente os efeitos previstos e desejados, até a ação que teve um efeito totalmente imprevisto. Existe esta gradação.

E no caso da Segunda Guerra Mundial, ela, como um todo, obedeceu a um planejamento, e não foi causada por fatores históricos impessoais. Foi realmente um plano. Esse plano foi executado com uma destreza magistral. Claro que houve erros no caminho — e erros até desastrosos —, mas esses erros foram corrigidos.

A teoria de Lênin era a seguinte: “Somente a guerra poderia criar um estado de instabilidade no qual os comunistas pudessem mais facilmente tomar o poder”. Este, aliás, foi o motivo pelo qual a União Soviética assinou a paz em separado com a Alemanha: porque a Alemanha estava em extrema dificuldade por ter que guerrear em dois *fronts* ao mesmo tempo (isso na Primeira Guerra Mundial). E Lênin percebeu que se os russos fizessem a paz com a Alemanha a guerra poderia continuar, porque a Alemanha iria atacar somente o Ocidente. Ela estaria descarregada de metade de suas dificuldades, então, a guerra que já estava para terminar — porque a Alemanha estava para se render — pode ser continuada.

Então, veja: a bandeira do socialismo era “a paz e o socialismo”; no entanto, a primeira providência que eles tomaram foi a de dar um jeito para que a guerra pudesse prosseguir. Porém, a guerra não chegou a desencadear os efeitos desejados: a guerra não durou o suficiente; não durou tanto quanto Lênin esperava que ela durasse. Ela acabou logo, com a total derrota da Alemanha. E, então, Lênin falou: “Bom, se uma guerra mundial não bastou, precisamos fazer uma segunda” e ele traçou um plano que depois foi executado por Stalin. Qual era o plano? Na verdade foi uma repetição do que eles tinham feito na primeira guerra. Na Primeira Guerra Mundial eles simplesmente *aliviaram* a Alemanha de uma parte dos seus encargos. Na Segunda Guerra Mundial eles fortaleceram deliberadamente a Alemanha. Mas, dizer que “fortaleceram” é um eufemismo.

Todo mundo sabe que a Alemanha, pelo tratado de Versalhes, foi proibida de ter armas acima de determinado porte, proibida de fabricar tanques e aviões de guerra, e proibida de mais um monte de

coisas: na verdade, foi proibida de ter um exército. Então, é de conhecimento comum que a Rússia "ajudou" a Alemanha a se rearmar. Mas a verdade não é esta. A Alemanha não tinha o exército para ser ajudado — não havia nada, realmente — e os russos criaram, dentro do seu próprio território, o exército alemão, a indústria bélica alemã, os campos de treinamento. Podemos dizer que praticamente toda a força de ataque alemão foi gerada dentro da União Soviética. Por quê?

Stalin, quando teve a ideia de aplicar o plano de Lênin para gerar uma nova guerra, levou em consideração uma informação importante, que era do livro do Adolf Hitler, *Mein Kampf*, no qual ele dizia que a Alemanha tinha feito um grande erro de atacar somente ao Ocidente, mas que ela devia se expandir, ao contrário, para o outro lado, para o Oriente. Então, aparentemente, isso significava invadir a URSS — pelo menos invadir a Polônia e depois da Polônia, a URSS. Não tinha fronteira direta: ela tinha que passar pela Polônia para chegar lá. Só que, examinando melhor, ele viu que o plano de expansão ao Oriente — a que se referia o Hitler — era um plano para muitos séculos e que a título imediato vigorava outra coisa — que o Hitler também dizia — que é o seguinte: “O nosso inimigo principal é e será sempre a França”. [00:40:00]

Então, Stalin entendeu imediatamente: “Se o Hitler for atacar alguma coisa não seremos nós. No máximo ele vai atacar a Polônia. Mas o alvo prioritário dele é a França e [secundariamente] a Inglaterra, que é aliada da França e que naturalmente viria em socorro da França no caso desta ser atacada”. Então, ele diz: “Não precisamos nos preocupar tanto com um ataque alemão”.

Isso quer dizer que ele foi burro? Veja, é incrível: na época, Stalin era celebrado por todo o movimento comunista mundial como o maior gênio político-militar de todas as épocas. E esse mesmo pessoal que disse isso, quando Hitler atacou a União Soviética, todos começaram imediatamente a dizer que Stalin havia errado; que havia cometido um erro catastrófico; que Stalin era uma besta quadrada; que não havia percebido o ataque alemão iminente etc. E isto se espalhou pelo mundo, e até hoje consta assim: “o Stalin foi pegado de calças na mão”.

Mas, como é que o movimento comunista internacional, que idolatrava o Stalin, de repente, começou a publicar tanta coisa sobre o erro de Stalin? Erros infinitamente maiores nunca foram levados em conta.

Hoje, se sabe — o Viktor Suvorov descobriu documentos que provam — que toda essa campanha sobre a burrice de Stalin, foi alimentada pelo próprio Stalin. Por quê? Stalin nunca foi surpreendido pela Alemanha. Ao contrário: o plano dele era o mesmo de Lênin, ou seja, usar a Alemanha como navio quebra-gelo para destruir as democracias liberais da Europa e, depois, ele atacaria a Alemanha pelas costas e tomaria a Alemanha e as outras democracias também. Tomaria a França, a Inglaterra, tomaria tudo. Então, a ideia deles era: “Eles ganham e nós levamos”.

Para executar este plano, Stalin tinha preparado a maior ofensiva militar de todos os tempos! E todo o exército soviético já estava indo para a fronteira com a Alemanha para invadi-la, com a instrução de matar até o último alemão: “Esta é a guerra de extermínio; nós vamos ter que matar todos!”; era esta, literalmente, a instrução. E eles estavam a poucos quilômetros da fronteira quando foram atacados pelos alemães. Isto quer dizer que havia um plano já em avançado estágio de execução para atacar a Alemanha pelas costas, enquanto a Alemanha estava ocupada com a França e a Inglaterra.

A quantidade e qualidade dos armamentos que foram mobilizados para isso é uma coisa impensável. Por exemplo: os tanques que os russos tinham fabricado podiam aguentar até trinta

disparos de qualquer outro tanque do mundo. Se você desse trinta tiros num tanque russo, ele ainda sobreviveria e estaria em condição de ser usado. Eram os melhores tanques do mundo! Tanto que, até hoje, os tanques fabricados ainda são baseados nos modelos russos, de tão bons que eram. Se você pegar todos os outros tanques de guerra da época — americanos, alemães, ingleses etc. — todos saíram de linha de produção. Tudo o que se faz é baseado no russo! E este era o equipamento que estava a poucos quilômetros da fronteira, quando Hitler entra na Rússia.

E Hitler entra por quê? Porque ele sabia que este material estava sendo transportado — os tanques estavam em cima de caminhões, sendo transportados — e ele falou: “É agora que nós temos que pegar esses camaradas porque, se eles conseguirem desembarcar estes tanques em nosso território, estes tanques são invencíveis.” Então foi por isso que Hitler invadiu a URSS: ele recebeu a informação de que a invasão estava iminente e que ainda dava tempo de pegar os tanques, pois os tanques estavam sem munição, sem combustível, em cima dos caminhões. Era o momento de atacar. Só neste sentido Stalin foi surpreendido: Stalin não sabia que Hitler tinha informação sobre a invasão iminente da Alemanha.

Então, isto quer dizer que toda a Segunda Guerra foi um plano estratégico, concebido e executado pela URSS. Mas, até hoje a URSS aparece como vítima inerte da Segunda Guerra e como salvadora da pátria.

E note bem: o plano alcançou o seu objetivo, porque o objetivo da URSS era o de ocupar pelo menos a metade da Europa, como de fato acabou ocupando — com a ajuda aqui [EUA] do presidente Roosevelt. O objetivo foi alcançado. Então, como podemos dizer que isso foi um resultado impremeditado? Foi um resultado premeditado e alcançado pelos meios escolhidos inicialmente, sendo um plano integralmente realizado.

Mas note bem: não foi só este plano que foi integralmente realizado. O plano de manter tudo isso em segredo foi também realizado, e tudo isto foi mantido em segredo até agora.

Existe uma lei, em história, que é a seguinte: “A difusão dos fatos produz novos fatos”. Aquilo que não é divulgado não tem efeito. Então, uma das melhores maneiras de provocar ações é você controlar o fluxo de informação.

Para isso existe até um estudo que eu li há vinte anos — e que eu nunca mais consegui achá-lo — chamado *The Handbook of Artificial Intelligence*, da IBM. Era uma obra de três volumes e tinha lá um estudo mostrando como você poderia produzir uma paranoia num cidadão através das informações que você manda para ele. Isso é claro que é feito numa escala pequenininha, mas se você tiver o controle do fluxo de informação você pode, de antemão, prever com bastante certeza qual será o comportamento da vítima.

Então, vejam: antes que o Hitler começasse a mandar judeus, católicos, ciganos etc. para o campo de concentração, na URSS eles já tinham matado trinta milhões de pessoas. E até hoje as pessoas relutam até mesmo em nivelar Hitler a Stalin. Mas quando vistas as coisas na devida perspectiva, vemos que Hitler sem Stalin jamais teria chegado a existir. O que seria da Alemanha nazista sem o exército? Não seria nada. Não ofereceria perigo para ninguém. Seria apenas um episódio local. No máximo teria uma perseguição interna, mas não teria chegado a abalar as estruturas do poder na Europa. Seria um demagogo de bairro.

O Hitler só se torna uma figura de projeção mundial graças à formação do exército alemão pela URSS. Sempre com a ideia de que esse exército seria usado no Ocidente, deixando a retaguarda alemã totalmente desguarnecida para a invasão russa, que já estava todinha preparada.

Um elemento de informação importantíssimo que o Viktor Suvorov dá neste livro — cuja leitura eu recomendo. Eu acho um dos grandes livros da década. —, é a seguinte: a aviação soviética também era a mais desenvolvida no mundo. Eles chegaram a criar um avião bombardeiro que podia voar a uma altitude tal que não seria alcançado, nem pela artilharia terrestre e nem pelos aviões de caça, porque a atmosfera era tão rarefeita que os aviões de caça ficariam como “mosquitos adormecidos” — quer dizer: sem poder se mexer ali. E esse avião era tão inalcançável que, quando Molotov foi para os Estados Unidos, ele viajou num avião desse e atravessou todo o território da Alemanha sem que os alemães jamais soubessem de coisa nenhuma. Esse avião podia lançar uma quantidade de bombas tal, que ele poderia destruir cidades inteiras em questão de meia hora. [00:50] O avião também tinha uma estabilidade e uma resistência extra pelo fato de que era um quadrimotor, mas que tinha um quinto motor dentro do corpo do próprio avião, e com esse quinto motor resolvia o maior problema dos voos de grande altitude, que era o oxigênio. Esse quinto motor reciclava o oxigênio e alimentava o avião. Era um negócio espetacular.

Só que bombardeiros deste tipo chamam-se bombardeiros estratégicos. O que é um bombardeiro estratégico? É um bombardeiro que não vai atacar alvos militares determinados, mas vai destruir as bases industriais da nação adversária. Não é para atacar um quartel, mas sim, destruir fábricas, plantações, cidades inteiras. E, embora, este fosse o avião mais genial da época — talvez o avião mais genial de todos os tempos —, Stalin não sabia se devia mandar fabricar esse avião ou não. Oito vezes ele mandou fabricar, oito vezes ele mandou parar a fabricação, porque ele não estava seguro se devia destruir a infraestrutura alemã ou mantê-la. Ele preferia mantê-la, evidentemente, porque existiam todas aquelas fábricas da Alemanha, aquelas minas de ferro, de carvão etc., aquilo valia uma fortuna! Então, ele não sabia se seria uma guerra tática ou estratégica. Na guerra tática você ataca alvos militares específicos para desarmar o adversário — você não vai destruir o país dele. Vai fazer como Israel fez na guerra dos seis dias: vai tentar bombardear a aviação dos caras em terra para eles não poderem atacá-lo; mas não vai destruir uma ponte, ou derrubar uma casa, não vai fazer nada; vai conservar tudo. Então, tudo depende: você quer destruir a nação ou ocupá-la? Se quiser ocupá-la, então, trata-se, evidentemente, de guerra agressiva e não de guerra defensiva. Quando se destrói a outra nação é para ela não poder atacá-lo de jeito nenhum. É para, como se diz, devolvê-la à “idade da pedra”. Então, esse avião acabou não sendo fabricado. Fabricaram apenas dezessete desses aviões. Na hora em que Stalin toma a decisão final de não fabricar esse avião é porque está decidido que não será uma guerra defensiva, mas sim uma guerra de ocupação. Então precisava de outros tipos de aviões: mais leves, que tenham deslocamento mais fácil, para poder atacar alvos específicos e voltar correndo.

As decisões tomadas por Stalin no campo da indústria militar, todas elas, são no sentido de criar uma guerra ofensiva. Por que a Rússia levou tão grande desvantagem perante a invasão alemã? Porque ela só tinha armas ofensivas; não tinha armas defensivas. A grande arma defensiva teria sido justamente esse avião, e eles simplesmente não o tinham. Quer dizer: as forças russas já estavam todas na fronteira — a poucos quilômetros — e foram ali pegas de “calças na mão”, antes de poderem sequer se abastecer ou se municiarem.

Até hoje não se sabe onde Hitler pegou a informação: alguém vazou, e ele conseguiu agir em tempo.

A coisa mais espetacular é que o plano de Stalin só deu errado neste ponto: ele não ficou sabendo que o alemão sabia. Ninguém pode controlar tudo!

É claro que a invasão da Rússia pela Alemanha foi um resultado impremeditado, mas a guerra entre a Rússia e a Alemanha não foi impremeditada. No instante mesmo em que a Rússia estava alimentando o exército alemão — com armas, dinheiro, assistência técnica, lugar para treinamento etc. — já estava criando um exército para ser liquidado pelas forças russas, que ao mesmo tempo estavam acumulando armamento um milhão de vezes maior. E a ideia de manter tudo isto em total segredo foi realizada com total sucesso, não só durante as operações, mas por muitas gerações depois. E só agora a coisa apareceu, graças à abertura parcial de alguns arquivos da ex-URSS. Abertura esta que durou pouco tempo, porque abriram os arquivos, “choveu” historiador por lá, e daí o governo russo imediatamente falou “Fecha tudo de novo”. Então, a gente tem que se virar com o que foi obtido nesse breve intervalo.

Porém, quando você vê a capacidade de segredo que tinha o governo soviético! O orçamento da KGB não era conhecido sequer pelo parlamento soviético. Não era votado pelo parlamento. Somente alguns membros do Comitê Central sabiam do orçamento da KGB e, evidentemente, jamais vão contar. O tamanho do orçamento pode ser medido pelo fato de que somente dentro da URSS a KGB tinha quinhentos mil funcionários, e mais um número ilimitado de agentes no mundo. E isso nunca vai ser recenseado. Nós nunca saberemos o tamanho da coisa. Só sabemos uma coisa: foi a maior organização, de qualquer tipo, que já existiu no mundo — a maior e a mais rica! E se podia manter segredo até do parlamento soviético e de membros de Comitê Central, então, significa que o controle exercido por aquela pequena elite sobre o fluxo de informação, dentro e fora da URSS, é uma coisa que não tem paralelo no mundo.

Ora, ao mesmo tempo, nós observamos que, com a passagem das décadas, as ideias e crenças que se foram impregnando na mente da elite e da mídia ocidental são exatamente aquelas que eram apregoadas pela propaganda soviética nos anos 30, 40 e 50. Ideias que na época todo mundo sabia que era comunista, que vinha da URSS. Agora não! Agora se impregnaram e viraram *Common Reason* — aquela sabedoria comum que todo mundo acha que sabe.

Por exemplo: a ideia de que as potências ocidentais — as potências capitalistas — são imperialistas, e que as comunistas jamais são. Para se ter uma ideia de até que ponto isso é uma coisa falsa, basta ver que: tão logo terminou a Primeira Guerra Mundial, todas as nações estavam esgotadas, nenhuma mais podia fazer guerra, não tinham mais condição de fazer, e a URSS tinha firmado a paz em separado com a Alemanha. Quer dizer: o mundo estava em paz! Acabou a guerra! E foi exatamente aí que a URSS invadiu a Estônia, invadiu a Látvia, invadiu quatro ou cinco nações em torno, imediatamente.

O primeiro e mais amplo projeto de governo mundial que se conhece foi elaborado pela URSS já naquele tempo.

Quer dizer: quando entra esse negócio de CFR [The Council on Foreign Relations (CFR)], Bilderberg, tudo isso aí é cinquenta anos depois! A ideia mesma de instaurar um governo mundial, e de instaurar através da guerra e da ocupação militar, é inteiramente da União Soviética. Esta foi, evidentemente, a maior potência imperialista que já existiu na história.

Então, como é que esta potência imperialista conseguiu carimbar como “imperialistas” todas as outras e ela ficar mais ou menos limpa? A ideia de imperialismo está tão associada às potências

capitalistas que você nem precisa dizer “imperialismo ocidental”. Falou imperialismo você já sabe que são os Estados Unidos, a Inglaterra etc. Esta impregnação do vocabulário por um projeto de poder concebido décadas antes, mostra a força que tem o segredo.

René Guenon dizia que “o segredo é da essência mesma do poder”. E o René Guenon pode ter errado uma coisa ou outra, mas é um cara que sempre sabe o que está falando. Isto quer dizer que toda a superfície da política, tal como aparece, por exemplo, na mídia — não é que ela não tenha importância nenhuma; ela tem importância —, mas ela tem somente a importância de uma camuflagem. Você não pode realmente julgar o que está acontecendo pelo que aparece na grande mídia.

Vocês que são estudantes, têm que adquirir — desde já — o hábito de ir à fonte mais primária que vocês possam: o depoimento de quem estava lá; memórias de políticos que quando chegam ao fim da vida têm um acesso de sinceridade e decidem contar tudo; documentos primários. É nisso aí que vocês têm que se basear. [01:00:00]

Por exemplo: esses livros sobre o que foi verdadeiramente a história soviética são abundantes e têm muitos livros muito bons, porém, você nunca vai ver um desses comentados na grande mídia. Não tem! Isto é livro para especialistas.

Hoje para se entender algo do que está se passando no mundo você tem que se tornar um estudioso, um erudito, no assunto. E, sobretudo, não levar muito em conta a produção acadêmica, porque a produção acadêmica faz parte daquilo que o Willi Münzenberg chamava de “criação de coelho”. Você põe aqui uma mentirinha e essa mentira vai ser repetida indefinidamente. Por quê? Pela própria mecânica de funcionamento do estudo acadêmico, onde você tem que se basear nos trabalhos anteriores. Você lança trinta trabalhos que dizem a mesma coisa, e o trigésimo primeiro, se ele quiser contestar esses trinta, vai ter muito trabalho. Ele vai ter que demolir ponto por ponto.

Isso quer dizer que a máquina acadêmica é uma coisa que funciona com uma lentidão extraordinária e, tomada no seu conjunto, ela é o exemplo de ineficiência intelectual mais maravilhoso que se criou no mundo, porque, para provar uma coisinha óbvia você pode levar décadas e, quando fica provado, no fim, ainda não está provado, porque pela lógica do método científico atual não existe correspondência entre ciência e realidade. Há apenas uma adequação: quando você vai ver o método do Popper, ele é exatamente a mesma coisa do Richard Rorty.

Quer dizer: não há uma verdade científica. O que há é um consenso. Você conseguiu convencer mais pessoas, então, até segunda ordem, aquilo fica como verdade. A verdade passa a ser a opinião da maioria. E é só isso. Não há referência ao mundo. Não tem o referente. Isso quer dizer que mesmo se você oferecer uma multidão de provas científicas, dentro do aparato universitário, isso não funciona. Não pode funcionar.

Então, o próprio aparato universitário moderno é uma criação do movimento revolucionário.

A ideia de que todo mundo deve ter o direito de ser doutor e de ter acesso à alta cultura pode ser interpretado em dois sentidos: a) pode ser interpretado no sentido de que não se bloqueia ninguém: não se discrimina por raça, por classe social etc.; b) e o outro sentido é que esse direito existe material e quantitativamente: *todos* têm direito *agora*.

Então, se para você adquirir esses títulos é muito difícil, a seleção por qualidade ou por nível de conhecimento se torna um mecanismo de discriminação e tem que ser abolido, de modo que todos possam ser doutores.

Isso vem associado a outro projeto revolucionário que é a transmutação da inteligência humana, no socialismo. Como Trótski dizia que no socialismo todo varredor de rua seria um novo Leonardo Da Vinci. Esta ideia está embutida profundamente em toda a psicologia e pedagogia do Jean Piaget. Quando ele diz que a criança tem que pegar o conjunto daquilo que foi transmitido a ela e transmutar, e dar uma forma pessoal, eu digo: o quê? Olha: interpretar o conjunto da cultura e dar-lhe uma forma pessoal é o que faz um filósofo do tamanho de Aristóteles. E ele espera que toda criança faça isto. Isto é, obviamente, impossível, mas faz parte dos objetivos permanentes do socialismo: transformar todo mundo em Leonardo Da Vinci, ou em Aristóteles, ou em Leibniz. Então, o resultado que se obtém é precisamente o contrário. Você cria uma multidão de imbecis que não consegue sequer ler um livro e que, apesar disso, apesar da sua inépcia, tem o direito de galgar os postos científicos e acadêmicos mais altos.

Foi por isto que eu decidi empreender todo o meu trabalho pedagógico fora de qualquer instituição universitária e sem contato nenhum. Porque não dá! Esse negócio está profundamente corrompido e ele não existe para produzir conhecimento, nem coisa nenhuma. É uma máquina de automanutenção e de autocrescimento indefinido. Por um lado parece muito bonito oferecer educação para todos —, mas desde que seja uma educação substantiva. Mas não sendo possível e não sendo conveniente oferecer isso, o que se oferece é um simulacro.

Esse simulacro, para mim, é altamente ofensivo. Por exemplo: quando lançaram a Lei de Cotas no Brasil: *os negros têm que ter direito a não sei o quê, a não sei o quê...* Escuta: vocês estão oferecendo lixo a essa gente! Acho que a pior discriminação que se pode fazer a um sujeito é oferecer a ele uma vaga na USP. Porque vai lá para ter o direito de ser ludibriado, de ser enganado, de ser usado. É uma lisonja perversa. Onde quer que você veja lisonja, você vê má intenção. Um puxa-saco bem intencionado não existe. Está para ser inventado. O sujeito começou com puxa-saquismo é porque ele está escondendo uma faca nas costas. É sempre assim. Todas essas ofertas lisonjeiras vêm com veneno embutido, e essa da educação para todos já é desse mesmo tipo.

A prova mais evidente disso é a seguinte: quem quer que tenha alguma prática em educar, sabe que a educação é um processo irradiante. O número de alunos que um professor pode ensinar é limitado. Eu mesmo sou um prodígio nesse sentido, porque eu tenho dois mil alunos. Mas eu não posso exercer um controle sobre o aprendizado deles. É muito arriscado ensinar para dois mil alunos: você não sabe o que eles vão fazer com isso; você não sabe se eles estão assimilando. Pelas respostas que eu obtenho — pelas comunicações, pelas cartas, conversas etc. — eu vejo que está funcionando. Mas está funcionando com essas pessoas que se correspondem mais comigo ou que escrevem no fórum etc. A gente vê que o resultado está sendo bom. Graças a Deus! Vejo também que o resultado está sendo bom pela criação desta coisa maravilhosa que é o Instituto Olavo de Carvalho, no Paraná, por iniciativa da Luciana Amato. A gente vê que está funcionando. Mas eu não recomendo isso a professor nenhum: *ensine para dois mil alunos*. Não, eu acho que o limite é duzentos, trezentos, até aí você consegue saber mais ou menos o que está acontecendo. A partir daí você começa a jogar sementes sem saber direito onde vai cair.

A educação é um processo limitado, sobretudo se for educação de crianças. Como um professor poderia ensinar duas mil crianças a ler? Quando ele vai ler o exercício de duas mil crianças? Não é

possível isto! A educação é um processo irradiante e multiplicador: você tem que educar cem, para que os cem eduquem mil, para que eduquem dez mil, e assim por diante.

Quando se prometeu no Brasil educação para todos, não tinha os agentes para ensinar. Continua não tendo. Se você pega os nossos professores — que estão aí a toda hora fazendo greve para pedir melhores salários — para essa gente eu não pagaria nada. Eu digo: *para você fazer o que está fazendo você tinha que pagar, e teria que pagar muito*. Qualquer greve de professores eu sou contra, porque para fazer essa porcaria que eles estão fazendo, já estão ganhando dinheiro demais. Qualquer dinheiro é demais para fazer o que estão fazendo no Brasil.

Aqui [nos Estados Unidos] eu já não posso dizer que sejam todos assim, mas, acho que a maioria ainda é.

Se a proposta fosse: nós vamos criar uma elite intelectual que possa preparar círculos cada vez maiores, de modo que, digamos, dentro de cinquenta, sessenta ou setenta anos todo o país terá recebido uma educação razoável. Aí acredito.

Mas, quando chega um governo e diz: nós vamos dar vagas para todas as crianças! É claro que é empulhação! E se eles realizarem a promessa, pior ainda! Veja que entre o governo Sarney e o governo Lula, [1:10] o problema de criança fora das escolas acabou. Todas têm o direito de ir lá e ser enganadas. Como a escola não fornece educação, ela tem que fornecer uma série de serviços secundários: tem que fornecer roupas, tem que fornecer comida, tem que fornecer assistência médica, e sobretudo tem que fornecer a doutrinação petista.

E, atualmente, você vai ter que fornecer satisfação sexual também. Porque é um direito das criancinhas serem comidas pelos seus professores, ou pais, ou vizinhos etc. A argumentação é esta: não é mais pedofilia, o adulto tendo relações com a criança, é a criança que tem o direito de ser usada pelo adulto. No fim pode dizer até que a criança foi quem o seduziu.

O que tem de argumento deste tipo circulando no mundo, entre intelectuais, não é pouco; e o que começa a circular entre intelectuais, dentro de trinta, quarenta ou cinquenta anos se torna *vox populi*. Daí se torna propostas políticas, leis, normas de condutas e assim por diante.

O simples fato de o mundo moderno ter criado este estamento intelectual — que não tem que prestar satisfação nenhuma; que pode dizer o que quiser, a besteira que quiser — e que mesmo depois que a obra do cara foi todinha contestada... Por exemplo: Jean Piaget é um. Todo mundo já contestou tudo que ele disse, mas falam: *ah! Mas ele é uma grande figura, um grande intelectual!* Por quê? Se tudo que ele fez é besteira! O quê sobra? Não sobra nada. Sobra o grande intelectual pelo critério do Richard Rorty: foi o cara que convenceu mais pessoas. Pessoas que ouviram falar dele durante cinco minutos na televisão. São esses que vão julgar.

A gente não pode esquecer que uma atividade como investigação científica ou criação artística é elitista pela sua própria natureza porque ela é baseada na qualidade. Quem tem que dizer se o cara é um grande intelectual, ou não, são outros intelectuais maiores do que ele, e não os jornalistas. Quando Jean Paul Sartre quis ter uma conversa com Martin Heidegger, o Heidegger respondeu: “Não recebo jornalistas”. Para o Heidegger o Sartre não era nem um filósofo, era apenas um jornalista. E estava inteiramente certo.

Do Heidegger não podemos dizer a mesma coisa: que tudo que ele fez é besteira. Tudo o que ele fez não é besteira, mas é sacanagem. É como Hegel: um homem de grande gênio e péssima intenção. Não tivemos ainda oportunidade de analisar a filosofia de Heidegger e espero que tenhamos mais tarde, mas algumas dicas a respeito já dei.

Aqui tem algumas perguntas que vêm muito a calhar com essa exposição da primeira parte, e uma que introduz um tema ao qual eu gostaria de voltar, que é a questão da imortalidade.

Aluno: *Por qual motivo os nazistas queriam exterminar os judeus?*

Olavo: Aconteceu o seguinte: quando houve a revolução soviética, mais de oitenta por cento dos líderes do movimento comunista eram de origem judaica. Mas eles se enquadram precisamente na definição que Jesus Cristo deu de “sinagoga de satanás”: são aqueles que dizem que são judeus, mas não são. Em que sentido você poderia dizer que esses indivíduos eram judeus se, primeiro: eram ateus e, segundo: promoviam a perseguição direta aos judeus religiosos e mantinham sob controle estrito as sinagogas.

Isso vocês podem ler na Internet. Procurem na internet “Rabino Schneerson”. Ele foi colocado na cadeia um montão de vezes. Mas, ao mesmo tempo, no ocidente não se tinha muita informação do que se passava na União Soviética. Então, a constatação desse fato — o predomínio estatístico de pessoas de origem judaica dentro da liderança comunista — vindo junto com a divulgação do livro do Serge Nilus, “Os Protocolos dos Sábios do Sião”, isso criou uma onda antijudaica monstruosa na Europa e foi preciso passar muitas décadas para que a coisa realmente se esclarecesse.

Na verdade, uma das origens do movimento revolucionário moderno é a decomposição interna, proposital, do judaísmo, tal como é descrita pelo rabino Marvin Antelman no livro “To eliminate the opiate”. É um livro, em dois volumes, muito impressionante, que mostra que toda essa operação de decomposição da Igreja Católica que nós vimos no século XX — com o Concílio Vaticano II, Modernismo etc. — já tinha sido feita dentro do judaísmo, em escala muito menor, no começo do século XIX.

À medida que os judeus adquiriam um novo estatuto social — podendo participar do parlamento, essa coisa toda — já veio por trás outro movimento para dissolver o judaísmo como religião e colocá-lo inteiramente a serviço de um movimento político. Então, daí para diante cabe a pergunta: o que é um judeu? Em que medida Trotski é um judeu? É [judeu] porque nasceu lá, mas não tem nenhum compromisso histórico com a religião judaica, com a cultura judaica, nada, nada, nada!

Mas, ao mesmo tempo, tem um bando de judeu religioso idiota que passa a mão na cabeça desses camaradas porque, afinal de contas, são patrícios. Eles jogavam com essa solidariedade étnica ao mesmo tempo em que estavam tentando destruir a própria religião judaica. É uma coisa que também se faz na Igreja Católica: o sujeito entra na Igreja Católica para esculhambar com tudo, mas ao mesmo tempo ele desfruta dos benefícios públicos de ser um católico, até de ser um Cardeal.

O mesmíssimo processo aconteceu dentro do judaísmo. Essa elite intelectual revolucionária de origem judaica fez o que achou que tinha que fazer, e quem pagou o pato foram os outros judeus. Inclusive dentro da própria União Soviética a elite mesma de revolucionários judeus acabou sendo toda destruída. O empuxo do movimento revolucionário é tal que, uma vez que ele ganhou *momentum*, os seus agentes individuais não interessam mais.

Aqueles judeus que fugiram da Alemanha com o advento do nazismo não tinham a menor ideia do que estava se passando na União Soviética. Eles achavam que na União Soviética eles desfrutariam de uma condição melhor porque havia uma lei que proibia o antissemitismo na União Soviética. Mas lei na União Soviética não significa nada. Então eles fugiam para a Rússia, e o que Stalin fazia? Devolvia-os para Hitler. Hoje está abundantemente documentado que isso aconteceu.

Por aí se vê que dentro da própria comunidade judaica os camaradas não tinham ideia do que estava acontecendo, exatamente. Também não tinham esse conceito do que é o revolucionário judeu. O revolucionário judeu é um fenômeno que só pode ser estudado mediante uma ciência que não existe — eu já propus essa ciência, mas ninguém levou adiante — que é a do “ateísmo comparado”. O ateísmo militante não é a mesma coisa em todos os lados.

Quando um sujeito se torna um ateu ele vem de uma origem religiosa e cultural determinada, e ele vai ser ateu naqueles pontos. O ateísmo dele é a negação da sua religião, não da religião do vizinho. Há, então, diferentes formas de ateísmo. Por exemplo: dentro do meio católico existe uma ênfase muito grande na pureza de conduta, na pureza de conduta sexual. A primeira coisa que o novo ateu faz é aderir ao sexo livre. Isto é a primeira coisa! [1:20] Do mesmo modo que, no judaísmo, a ênfase é sobretudo colocada na lei. Na lei e na ordem divina. Então, judeu que se torna ateu, que se torna inimigo da sua religião, é um inimigo da ordem. Ele é, por excelência, um revolucionário. É o criador de uma nova ordem.

Toda a problemática do ateísmo judaico é essa. Então, essas pessoas são excepcionalmente perigosas. Perigosas, sobretudo para a própria comunidade judaica, por causa da relação ambígua. Na União Soviética tem a Seção Judaica do Partido Comunista. A Seção Judaica do Partido Comunista era constituída de pessoas de origem judaica, e que com as ligações de parentesco e de língua podiam facilmente se infiltrar nas sinagogas, espioná-las e mantê-las sob controle. Isso está contado na biografia do rabino Schneerson.

Quem está de fora não está sabendo dessas sutilezas. Então disseram: quem fez a revolução comunista foram os judeus. Pronto! Criou-se uma onda de ódio contra os judeus. Então [os judeus] pagaram pelos dois lados! Levaram pancada dos dois lados! Tudo vem da ambiguidade da palavra “judeu”. O rabino Schneerson era judeu; Trotski era judeu também; mas não no mesmo sentido. Trotski era judeu no sentido exato que o Cristo dava à “sinagoga de satanás”: o sujeito que diz que é judeu, mas não é. Ele é judeu quando lhe interessa; quando lhe interessa para ele se esconder atrás da comunidade ao mesmo tempo em que a está usando como bucha de canhão.

Nos movimentos de massa e na escala de opinião pública essas distinções passam totalmente despercebidas. Você precisa de um objeto de ódio, ou objeto de temor, que vai ser uma figura estereotípica criada com dois ou três traços, como se fosse um tipo-ideal. Então judeu vira um tipo-ideal porque é um sujeito que é banqueiro e ao mesmo tempo é comunista. É claro que havia de fato uma ligação entre banqueiros e comunistas. Mas em que sentido os Rothschild são judeus? Já não são mais, há muito tempo! Eles são uma força autônoma que financia a quem lhes interessa e se no meio disso for morrer metade da comunidade judaica eles não tem nada a ver com isso.

Quando você via que havia banqueiros judeus, como Jacob Shiff, financiando a Revolução Comunista, você achava que havia “uma conspiração de banqueiros e comunistas judeus”. E isso vira a imagem do judeu.

Agora, se a comunidade vai para cadeia, sinagogas estão sendo fechadas, isto aparece como se fosse um detalhe irrelevante, quando na verdade está aí todo o segredo da história. Justamente essa decomposição premeditada do judaísmo — que já havia fazia cem anos — pegou uma massa enorme de judeus e os transformou em revolucionários. Nunca foi a maioria, evidentemente, mas estava em número suficiente para poderem, perante os olhos do observador leigo, representar o tipo-ideal do judeu.

É contra esse tipo-ideal que Hitler se volta. Só que ele não vai dar tiro em “tipo-ideal” nem mandar “tipo-ideal” para o campo de concentração.

Está-se tentando matar o estereótipo, mas como não se pode matar o estereótipo pegam-se as pessoas (coitadas!), escolhidas para personificar aquilo.

É um processo que, se você não ler o livro do rabino Antelman, não vai entender. Por exemplo: quando eu morei na Romênia eu via que muitas pessoas cristãs tinham, ainda, um ressentimento enorme contra os judeus. Por quê? Porque quem fez a revolução lá dentro foram os judeus. Mas, que judeus? Foi um rabino? Quem foi? É a mesma coisa que você dizer que quem está fazendo a revolução na América Latina são os católicos. Que católicos? É o Frei Betto, é o Fidel Castro, é a turma da Teologia da Libertação, a Ordem Jesuíta. Eles fazem contra a Igreja Católica e a Igreja Católica leva a culpa. A mesmíssima coisa foi feita com os judeus e eu acho que a maior parte dos historiadores judeus até hoje não percebeu isso. Porque também muitas interpretações históricas são contaminadas de estereótipos do movimento revolucionário.

Aluno: O senhor já ouviu falar dos revisionistas? Que negam o extermínio dos judeus?

Não tem como negar! Você pode arrumar mil explicações, pode até tentar minimizar o número, mas não vai adiantar nada. Tem camarada que nega a existência de câmaras de gás. Olha, o fato é o seguinte: você soma o número de judeus que tinha antes e soma os que tinham depois. Ficaram faltando seis milhões! Se não foram mortos na câmara de gás, foram mortos com martelada na cabeça, de fome, de algum jeito mataram os caras. O instrumento não é tão importante assim. A gente vê a câmara de gás como um sinal de crueldade; uma prova de crueldade. Mas existem formas até mais cruéis para se matar pessoas. Uma delas é deixar o sujeito sem comer. Quando os americanos chegaram nos campos de concentração viram aquele camarada pesando trinta quilos. Para que colocar aquele camarada na câmara de gás? Deixa aí que ele vai morrer daqui a pouco. Vai dizer que isso é menos cruel do que câmara de gás? Não dá para medir isso. Então a prova do extermínio é puramente demográfica. Ficaram faltando seis milhões. Se não foram seis milhões, foram cinco milhões novecentos e noventa e nove mil novecentos e noventa e nove e meio. Isto não vai fazer grande diferença. Foi um montão de gente. O número é aproximadamente esse.

Não quero dizer que eu considere todo sujeito que estudou esse assunto, ou que tente dar uma perspectiva pró-germânica à história do período, seja necessariamente desonesto. Por exemplo: nunca acreditei que o David Irving fosse desonesto. Ele não é desonesto de maneira nenhuma. O problema do David Irving é que ele não lê livros de historiadores. Ele acha que dá para fazer história só com documentos primários. Não dá, porque o documento primário é material bruto e você precisa de várias perspectivas para conseguir interpretá-lo. Como ele não quer ouvir os outros historiadores — ele não confia em nenhum — ele quer fazer só na base do documento. Resultado: às vezes ele chega a conclusões absolutamente indefensáveis. Mas eu nunca vi nada de desonesto nele. É apenas um cara intelectualmente limitado. Como pesquisador de documentos ele é excelente! Ele descobre coisa que ninguém descobriu: o famoso diário de Hitler! Todo mundo

estava acreditando nisso e ele foi o cara que desmascarou: mostrou que não é nada disso. Ele sabe lidar com documentos. É um arquivista de primeiríssima ordem.

Também não acho que levantar dúvidas sobre esse ponto seja criminoso. De maneira alguma! Acho que isso aí tem que poder ser discutido, e cada um mostra os seus argumentos. Até hoje os revisionistas não me convenceram de coisa nenhuma. Sobretudo esta questão do número: você vira, vira, mexe, mexe, mexe e chega lá estão faltando cinco milhões, seis milhões de pessoas. Onde é que eles se esconderam? Eles se esconderam propositalmente para lançar a culpa no alemão? Não, não é possível uma coisa dessas.

Aqui tem uma pergunta, que aparentemente não tem nada a ver com isso, mas que se refere às aulas passadas, e que vamos conectar uma coisa com a outra. A pergunta vem de dois alunos.

Alunos: O senhor coloca que nossa preocupação com a quantidade de sensações e o seu prolongamento no tempo, através de todos os artifícios da modernidade, são nossas perspectivas centrais. Por outro lado diz que perdemos a perspectiva da eternidade. Confesso que estou descobrindo com o senhor [1:30] esta perspectiva da eternidade e que ela me é muito tênue (...)

Olavo: São duas pessoas escrevendo, mas está falando na primeira pessoa, então suponho que isso se passe com os dois.

Alunos: (...) Não a sinto como mortalmente séria, como o senhor sempre diz, mas aquela perspectiva moderna, esta sim me dá medo e me desconcerta. Por que não sinto a perspectiva da eternidade como algo real e mortalmente sério? Ela se instalará em mim se eu insistir nesta perspectiva?

Olavo: Olha, eu disse o seguinte: a tomada de consciência da imortalidade pode ser obtida através de um exercício; de uma prática. Esta prática pode parecer muito complicada no começo, mas depois que você acertar a primeira vez você vê que não é muito difícil. Pelo menos não é muito difícil de explicar. Para fazer, para realizá-la, você vai precisar de algum tempo e de alguma persistência.

Este exercício é muito simples: consiste em você perguntar a você mesmo o que você tem chamado de “eu” ao longo do tempo, e tentar perceber a unidade do seu “eu” por baixo de todas as mudanças que você sofreu ao longo da vida, e ter o sentimento da sua continuidade. Sentimento de que você é hoje o mesmo que você foi quando você era um bebezinho.

Todo sentimento se desenrola no tempo. Mas aqui nós estamos falando de um tempo excepcionalmente longo, embaixo do qual existe um elemento de continuidade sem o qual você jamais poderia ter qualquer identidade pessoal que fosse. Esta ideia moderna — idiota — de confundir a identidade pessoal do sujeito com os vários papéis que ele desempenhou, isto está na teoria do Wittgenstein dos jogos de linguagem, está no Richard Rorty, está em todos estes camaradas. Isso aí vem desde David Hume, que dizia: “*Eu vejo que eu tenho estados, tenho sensações etc., mas não que eu tenha um ‘eu’.*” Ora, se você não tivesse [um ‘eu’] você não poderia dizer isso! Quem está dizendo isso? Você está se instalando em um dos seus papéis sociais para falar do outro e no outro para falar do um? Então eles se neutralizam mutuamente!

A experiência profunda da sua continuidade mostrará que, como já ensinava o Vedanta, você não é os seus pensamentos, você não é os seus estados, você não é os seus sentimentos, você não é a sua memória, mas ao mesmo tempo, *você é tudo isso fundado numa base de permanência*. Esta base de permanência, como ela não depende de nenhum dos seus estados, também não depende

absolutamente do seu corpo, porque o corpo já mudou mil vezes. Não tem uma célula do seu corpo que seja a mesma.

Eu lembrei a frase do Spinoza: “Sentimus experimurque nos aeternos esse”, [em português: “sentimos e experienciamos que somos eternos”]. Ele não disse “pensamos”; ele não disse “descobrimos”; ele disse “sentimos e experienciamos”. Então é assim: você para, você vê os seus pensamentos fluindo, eles vão continuar fluindo, eles vão continuar vindo, você não vai poder parar. Aquele negócio de parar de pensar, isso não adianta: você só não vai ligar para isso. Você vai perceber que você inclusive aceita estes pensamentos como seus porque você sente a sua continuidade profunda. Na hora em que você sentir esta continuidade profunda e perceber que até a identificação do seu corpo como seu depende disso, você terá a perspectiva da imortalidade e você entenderá que é esta parte que conversa com Deus. A outra não conversa.

O “eu mutável”, se ele começar a falar com Deus, Deus não está nem aí. Isso é besteira! É só a alma imortal que fala com Deus; a alma mortal não fala. E, se tentar falar, só vai dar porcaria. Vou mostrar para vocês como é isto:

Aqui um aluno apareceu com um texto de Santa Catarina de Siena, que é uma revelação que Deus deu a ela. Deus falou com ela, e ela disse que copiou as palavras exatamente como Deus as disse, e as mandou para o Papa. Mas o que quer dizer este “exatamente”? Quando eu comecei a ler isto, eu falei: é *exatamente*, mas não é *exatamente*. Se ela recebeu isso tudo de Deus, Deus não deu somente as palavras para ela. Ele deu as palavras e deu a inteligência exata do que ele queria dizer naquele momento. Ela não pode repetir os seus atos de inteligência, ela só pode repetir as palavras. Então, isso aqui é o traslado exato e, ao mesmo tempo, não é exato. Se você ler isso aqui com a perspectiva da sua alma mortal, você vai entender uma coisa, se você ler com a perspectiva de alma imortal você entenderá outra completamente diferente!

Vou dar um exemplo: Deus começa dizendo assim para ela:

“todos os sofrimentos que o homem suporta nesta vida são insuficientes para satisfazer pela menor culpa que ele tenha.” (...)

Isso quer dizer que se você for preso, for para o campo de concentração, for torturado etc., isso não paga nenhum dos seus pecados. Zero! Por que Deus diz isso?

(...) “Sendo Eu um bem infinito, a ofensa cometida contra Mim pede satisfação infinita. Isto não está ao alcance do ser humano. Desejo que compreendas que os males desta existência não são punições, mas correção a um filho que ofende. Assim, a satisfação que se dá pelo amor, pelo arrependimento e pelo desprezo do pecado, este arrependimento é aceito em lugar da culpa e do reato.” (...)

Reato é a pena devida à própria culpa do pecado. Pena inerente ao sentimento de culpa.

(...) “Não pela virtude dos sofrimentos padecidos, mas pela infinitude do amor. Foi quanto ensinou Paulo ao afirmar: ‘se eu falasse a língua dos anjos, adivinhasse o futuro, partilhasse os meus bens com os pobres e entregasse o meu corpo às chamas, mas não tivesse caridade, tudo isso de nada valeria’ (1Cor3:3). O glorioso apóstolo fez ver que os gestos finitos são insuficientes para punir ou satisfazer, sem a força da caridade.” (...)

Então tem este elemento diferencial que é a caridade.

(...) “Como percebes, as mortificações são coisas finitas, e como tais hão de ser praticadas. São meios; não finalidades.

Filha, fiz-te ver que a culpa não é reparada neste mundo pelo sofrimento suportado unicamente como sofrimento, mas sim pelo sofrimento aceito com amor, com desejo, com interna contrição.

Não basta a força da mortificação, é preciso o anseio da alma. O mesmo acontece alias com a fé e caridade e com qualquer outra virtude, que somente possuem valor e produzem a vida em meu filho Jesus Cristo crucificado. Isto é: na medida em que a pessoa recebe d'Ele o amor e virtuosamente segue suas pegadas. Somente assim adquirem valor. As mortificações satisfazem pela culpa na feliz comunhão do amor adquirido na contemplação da minha bondade. Satisfazem graças à dor e à contrição quando praticadas no autoconhecimento e na consciência das culpas pessoais. Este conhecimento de si gera desprezo pelo mal, pela sensualidade, induz o homem a julgar-se merecedor de castigos e indigno de recompensa". (...)

Acontece o seguinte: este arrependimento é perante quem? Perante quem você está se arrependendo? Perante Deus. Ora, se você encarar isso apenas na escala na alma finita, da alma terrestre, mesmo tendo a esperança de que esta alma terrestre vá ganhar uma imortalidade depois de morta — o que eu já expliquei que é um paradoxo — toda a dialética de culpa e reparação passa a ser terrestre! Então você não pode se arrepender perante Deus, mas estará se arrependendo perante um dos símbolos, que na sua cabeça, O representa na escala terrestre: seja a Igreja, o bispo, o pastor protestante, a comunidade, ou qualquer coisa. Desta forma você entrou numa esfera de masoquismo na qual você não terá perdão nenhum porque estas pessoas não podem perdoá-lo. Mesmo que você receba as absolvições rituais canônicas, não vai funcionar para você. Você está perdoado, mas não vai sentir que está perdoado. Porque isso só o próprio Deus pode infundir em você.

Agora, se você se coloca num plano da alma imortal, o que acontece? Acontece o seguinte:

(...) “O caminho para atingir o conhecimento verdadeiro e a experiência do Meu Ser — vida eterna que Sou — é este: nunca abandone o autoconhecimento! Ao desceres para o vale da humildade, reconhecer-Me-ás em ti e de tal conhecimento receberás tudo de que necessitas. Conhecendo-te, tu te humilharás ao perceber que por ti mesma nada és.”

Este “humilhar-se perante Deus” não é dizer: “ah, eu sou um pecador, eu sou um filho da puta, eu fiz isso, mais aquilo” e você ficar como que perturbando Deus com a narração daqueles seus infames pecados. Não é isto! A humildade é isto: “ao perceber que por ti mesma nada és”.

Porque quando você faz esta experiência, você começa a pegar, a ter o sentimento da sua continuidade, a perceber que a sua existência transcende os seus estados corporais. Todos eles! Transcende os seus papéis sociais e abre-se [1:40] para você esta obviedade: eu tenho uma duração ilimitada! A minha alma, a minha vida, dura mais do que a totalidade da história humana! Eu sou um dos fundamentos da realidade exterior — eu e mais todas as outras almas.

Mas ao mesmo tempo em que você vê isso — vê a sua grandeza — você também vê a sua absoluta falta de fundamento! Mas por que eu sou tudo isso? De onde veio isto? Não tenho a menor ideia! Eu não posso fazer isto. Deus está me sustentando no ser. Não é que Ele me criou, no passado; não é isso! Você só existe n'Ele! Só existe com fundamente n'Ele *agora*, neste mesmo instante! E na hora em que você entende — pronto! — isto é a humildade.

Humildade não é você se envergonhar perante os outros, dos seus pecados; não é você passar vergonha em público; não é nem você ir à igreja e ficar batendo no peito. Não é isto! É você aceitar a realidade, o fundamento que você tem no ser, e entender: eu não existo nem por uma fração milionésima de segundo sem este fator que me tirou do nada. E como Ele mesmo diz: “verás que o teu ser procede de Mim, que vos amei a ti e aos outros antes de virdes à existência”. Você entende que você era apenas uma possibilidade na mente divina e que de repente você não é mais só uma possibilidade: você é algo que veio para ficar e que durará mais do que o universo. Meu Deus do céu, isto é humildade!

Então, a humildade não é uma experiência moral no sentido em que nós usamos “moral”: “ah, você transgrediu isso, você fez aquilo”. Não! É uma experiência de ordem ontológica.

Você não pode dizer: “ah, vejo a minha nulidade”. Você não pode dizer: eu sou uma nulidade! Dizer eu sou uma nulidade é dizer que Deus não fez nada. No entanto, eu estou aqui, eu tenho a prova de que estou aqui. Eu sou algo que Deus criou para sempre. Ele não vai mudar de ideia. Ele não vai me revogar. Ele pode até me jogar no lixo, pode jogar no inferno. Mas, acabar comigo Ele não vai. Porque é da minha natureza ser imortal. Eu não posso me tornar mortal mesmo que eu queira. Eu posso matar o meu corpo; posso matar minhas ideias. Mas tem este “eu” permanente que está no fundo. Este, eu não mato. Então, Deus me fez de uma vez para sempre! Por que Ele fez isso? Eu não tenho a menor ideia. Eu mesmo me faria se tivesse o poder para isso? Talvez nem fizesse.

Isto é a verdadeira humildade; é a humildade no sentido ontológico, na qual você nem pode declarar que você é um nada. Porque se você declarasse que você é um nada, você não seria um crente, seria um puxa-saco de Deus, dizendo “não, eu não sou nada”. Como “não sou nada”?! Você me fez para sempre! Eu sei que eu existo, eu sou uma realidade, e uma realidade que é para durar para sempre.

Não tem como você não ser preenchido por um senso de gratidão indizível. Você diz: “ah, vou confessar a Deus os meus pecados”. Você nem lembra de pecados nesta hora. O perdão já veio! E vem em função do amor divino. O amor divino lhe é dado pela humildade. Você não diz que você é um nada. Você diz: “sem Você eu sou nada. Mas eu não posso ficar sem Você, não tem como ficar”. Como diz a própria bíblia: “aonde vou me esconder de Deus?”. Então é assim: eu vim para ficar. Quem foi que me botou aqui? Foi Você que pôs. Por que Você fez isso? Porque Você me amou. Você me viu como possibilidade, me amou e quis me fazer para durar para sempre.

É esta a experiência. Para isso você tem que acalmar um pouco e sentir a permanência do seu “eu” ao longo de todas as experiências, de todos os estados, desde que você era pequenininho até agora, e você ver tudo isso comprimido como que num ponto. Onde está este ponto? Onde você está agora. Você é o cara que passou por tudo isso, todas essas mudanças, você já mudou de ideia, mudou até de personalidade, mas tem uma coisa dentro de você que diz “eu”, e quando diz sente a mesma coisa que sentia quando era criancinha. E você sabe que você é aquele que você foi aos dois anos, e que foi aos cinco, e que foi aos seis, e que foi aos dez, e que foi aos vinte, e assim por diante. E você entende: sim existe este ponto. Imagine o tempo como uma linha e um ponto que vai seguindo esta linha. Este ponto continua. A linha começou num ponto e termina em outro, quando você morre. Mas o ponto continua. E este ponto é você.

Na hora em que você tem esta experiência, você entende o que é a imortalidade. Se Santa Catarina ouvisse isso com a sua alma mortal, ela estaria liquidada. Porque se você não tem uma medida da sua imortalidade, como é que você vai ter gratidão pela imortalidade? Não dá! Você vai agradecer por esta porca vida? Só leva porrada, tudo dá errado, todas as suas esperanças vão para o brejo... Você vai agradecer por isto?! Não, você fica revoltado com isto. Porque esta vida — diz a prece da Virgem Maria — é um “vale de lágrimas”. Mas, quando você tem, mesmo que tenha brevemente e mesmo que seja difícil você voltar a este estado... Porque vai ser difícil, porque os pensamentos se introduzem de novo, confundem-no e você perde de vista a perspectiva, porque você quer pensar. Não, o pensamento tem que passar. Você tem que sentir o eu que está por baixo de todos os pensamentos.

Este é um exercício que eu dei para vocês. Se não fizer este exercício, você pode pensar na eternidade o quanto você queira, você não vai chegar nisto.

Hoje nós precisamos fazer este exercício; mas Santa Catarina o fez? Acho que não. Acho que ela já estava neste estado naturalmente. Porque a alma mortal enquanto tal não fala com Deus. Ele diz: “verás que o teu ser procede de Mim, que vos amei a ti e aos outros antes de virdes à existência”. Esta frase começa a adquirir um sentido para você e você vê que disto aí depende o seu destino

eterno, porque no momento em que você está, como alma imortal, perante Deus, é que você pode até odiar a sua existência como homem imortal. Isso não vai acontecer para nenhum de vocês, creio eu, mas para algumas pessoas acontece. E isso é a condenação eterna: quando você não quer. Mas normalmente isso não acontece para as pessoas. Quando elas experimentam isso por um segundo, a gratidão as preenche tanto que elas se tornam a própria gratidão. E tudo o que elas vão fazer daí para adiante é expressão da gratidão.

Isso é uma experiência para ser feita, não é um conceito para ser discutido. Podemos discutir o conceito depois que teve a experiência, depois que você dominou a experiência, vivenciou aquilo profundamente e entendeu — não como uma teoria, mas como um fato, uma coisa que está acontecendo para você e que depende exclusivamente da direção da sua atenção.

Normalmente a nossa atenção vai para os nossos pensamentos, os nossos estados, as nossas memórias, os nossos desejos etc. Nós nunca vamos nos livrar disso. Enquanto você tiver uma vida corporal, neste mundo aqui, você vai ter tudo isso. O problema é só o foco da atenção. E a atenção tem que baixar para um nível mais permanente, um nível, por assim dizer, “mais lento”, que sempre esteve aí. Por exemplo: quando lhe deram um nome, você conseguiu se reconhecer pelo mesmo nome porque você sabia: chamaram-lhe de Joãozinho a primeira vez, quando chamaram a segunda, você sabia que era com você. Não adianta o pessoal querer lhe vestir uma identidade de fora, porque você não vai saber que a identidade é sua.

Então toda esta coisa de papéis sociais, de aprendizado, tudo isso aí é uma fantasia de sociólogos loucos, de psicólogos loucos, que não entendem que ninguém pode dar uma identidade a ninguém, se o sujeito não for capaz de [1:50] pegar. E, se ele é capaz de pegar, é porque ele permaneceu o mesmo. É a este mesmo que você deve dirigir a sua atenção. Se você não tem isso, mas diz: “ah, eu quero ser humilde”, o que você vai fazer? Você vai viver se rebaixando na frente dos outros, você vai desenvolver um sentido obediencialista que só vai corrompê-lo, porque daí chega um bispo safado, vigarista, manda-o fazer o que é errado, e você vai fazer. Você vai ser um puxa-saco de autoridade. Não é para ser puxa-saco nem do Papa. Se o Papa fizer algo errado, você tem que chegar lá, como a própria Santa Catarina fazia, e dizer: “olha, seja homem!”. Então, não é para ser puxa-saco. Humildade não é viver de cabeça baixa. Não é ser bonzinho. Ou como dizia Chesterton, “o cristão tem que ser humilde, não modesto”. Como pode ser modesto se você é uma alma imortal, se Deus o fez para sempre? Como você pode dizer que você é um nada? Como “nada”?! O que é isto?!

Você tem uma forma de existência que o eleva a uma dignidade que, como diz o salmista, está pouco abaixo dos anjos, e às vezes está até acima deles.

Isso aí é uma experiência. Alunos, isso aqui é a dica que eu estou dando. Na hora em que você faz isto — uma vez que seja — você nunca mais vai esquecer. Você vai saber que todas as coisas que você pensou, sobre os seus estados, personalidades, papéis sociais, é tudo uma fantasia. Não tem substancialidade. Mas você tem substancialidade!

Agora, todo o pensamento moderno é para dizer que a sociedade tem substancialidade, a linguagem tem substancialidade, os papéis sociais têm substancialidade, e você não! Agora, se você não tiver substancialidade, como é que você ia absorver um pouco disso que fosse?

Eles querem dar a ideia do ser humano — do indivíduo humano — como se fosse uma entidade fantasmal preenchida de elementos que não tiveram origem; que se formaram assim como uma espécie de “peido cósmico”: “a sociedade”, “a linguagem”, “as classes sociais”. Isso é tudo uma alienação; isso é um Golem.

Sabe a história do Golem? É uma lenda judaica. O sujeito fez um boneco de barro e assoprou lá, fez uma mágica, e o boneco de barro saiu, começou matando gente, e daí ele não sabia como desmontar aquela porcaria. Quer dizer, é um ídolo que você criou!

Não! Nada disso! O que existe sou eu, porque Deus me fez para durar para sempre. Eu sou uma entidade substancial muito mais real do que todo o universo físico que estou vendo. Quando não existir mais o planeta terra eu vou existir ainda. A história humana inteira não significa nada perto de uma vida de um indivíduo. A história humana não é imortal. A história humana teve um começo e vai ter um fim. Mas você teve um começo e não vai ter um fim. E se está falhando ainda, tem isso: “além disso, quando quis recriar-vos na graça com inefável amor, Eu vos lavei e vos concedi uma vida nova no sangue de meu Filho Unigênito”. Quer dizer: se falhou, Deus botou um mecanismo de correção que restaura a sua imortalidade. Não a sua imortalidade, mas a imortalidade na glória.

Aluno: É possível ensinar isso? Ou, como é possível ensinar isso para uma pessoa que não tem estudo?

Olavo: Eu não sei. Deve ser possível. Mas eu só sugeri esta técnica para vocês. Eu não tenho uma técnica para todo mundo. Se eu tivesse, estaria dando curso disso; ensinando as pessoas a fazer isso; mas a minha formulação desta técnica eu a tirei de várias fontes, fontes das mais estapafúrdias, menos recomendáveis: gente da Nova Era, do Gurdjieff, do Sufismo etc. Foi lendo todas estas coisas que eu acabei condensando nisto aqui. Condensei para vocês. Como é que ensina para os outros que não são meus alunos? Não sei, só posso ensinar para os meus alunos. Mesmo assim não é fácil. Está aí o aluno dizendo: “não consegui”. Não conseguiu por quê? Porque você tomou isso como uma preocupação ou como um pensamento. Quando não é. É um exercício; é uma prática; é uma ação que você faz. É uma ação interior, de puxar o foco da sua consciência para baixo; para aquilo que está por baixo; para aquilo que é o fundamento. A verdadeira substância. “*Substare*” é aquilo que está embaixo. Então, o que está por baixo de todas as suas experiências, de todos os seus estados, de todos os seus pensamentos, e que você chama de “eu”, porque se não existisse isso, então de fato não existe eu nenhum. Existe só uma multiplicidade de estados.

Por hoje é só. Muito obrigado e até a semana que vem.

[1:55]

Transcrição realizada por: Fabrício de Souza Henriques, Rafael Guedes da Silva, Paulo Ricardo (sobrenome), Mariana Leandro

Revisão: Eduardo Garcia de Queiroz – 31/05/2010 edgarque@uol.com.br